



RIQUEZA E COMPOSIÇÃO DE UMA COMUNIDADE DE ANFÍBIOS ANUROS NO PLANALTO DE DIAMANTINA, SERRA DO ESPINHAÇO, BRASIL

Correia, C.M.1,2

Barata, I.M.1,2; Ferreira, G.B.2

1 - Laboratório de Zoologia, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Rodovia MGT 367 - Km 583, 5000 - Alto da Jacuba, 39100 000, Diamantina, MG. camilamendescorreia@gmail.com»camilamendescorreia@gmail.com

2 - Instituto Biotrópicos, Beco do Izidoro, 12A, Centro - 39100 - 000, Diamantina, MG.

INTRODUÇÃO

A região tropical abriga grande diversidade de anfíbios anuros que pode ser atribuída à heterogeneidade ambiental destas áreas, com temperatura estável e precipitação elevada. Ambientes complexos possibilitam a coexistência de uma grande variedade de espécies, fornecendo amplo número de microambientes disponíveis (Santos *et al.*, 2007). O Brasil ocupa a primeira colocação em riqueza de espécies de anfíbios, com 847 espécies conhecidas (SBH, 2010). O estado de Minas Gerais é coberto pelos biomas Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga, e apresenta alta diversidade de anfíbios anuros, incluindo gêneros endêmicos. Estes endemismos estão limitados em várias localidades mineiras, sobretudo nas regiões do Complexo do Espinhaço e da Mantiqueira e em fragmentos do Vale do Jequitinhonha (Drummond *et al.*, 2005). A Serra do Espinhaço se estende do estado de Minas Gerais até o estado da Bahia, situada nos domínios da Mata Atlântica e do Cerrado. A Serra do Espinhaço abriga 105 espécies de anfíbios anuros, sendo que desse total, 68% apresentam registro apenas para o estado de Minas Gerais e 16% para o estado da Bahia, sendo que apenas 16% ocorre em ambos os estados. A região possui também um considerável grau de endemismo, com 28 espécies restritas (Leite *et al.*, 2008). Mesmo com essa ampla diversidade, ainda são necessários elevados esforços de amostragem, pois não são consideradas exaustivamente amostradas, podendo ser esperado o registro de novas espécies em toda sua extensão (Leite *et al.*, 2008).

OBJETIVOS

O objetivo geral deste trabalho é coletar dados de riqueza e composição de uma comunidade de anfíbios anuros do Planalto de Diamantina, Minas Gerais.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi desenvolvido no Córrego Soberbo, município de Diamantina, porção nordeste do estado de Minas Gerais. A área de estudo é originalmente coberta pelo bioma Cerrado, com formações vegetais de Campo Rupestre, inserida na porção meridional da Serra do Espinhaço. No Córrego Soberbo foram demarcados oito transectos lineares de 100 metros cada. Para a caracterização ambiental da área de estudo mediu-se, de 5 em 5 metros, a largura do córrego e a sua profundidade, que foi caracterizado, ao longo dos transectos, quanto ao tipo de vegetação predominante, presença/ausência de correnteza e tipo de substrato. A coleta de dados biológicos foi iniciada em abril de 2010 e finalizada em março de 2011, fechando um ano completo e incluindo uma estação seca e chuvosa. As coletas de dados foram realizadas mensalmente, variando de uma e duas noites na estação seca e, na estação chuvosa, período de maior atividade das espécies, as coletas variaram entre duas e três noites. Os trechos selecionados foram percorridos à noite e o registro dos indivíduos foi feito por encontro visual e por busca auditiva, com o auxílio de lanternas. Para determinar a estimativa de riqueza foi utilizado indicador Jackknife I, através do Estima-

tes. Para avaliação da eficiência da amostragem foi construída a curva de acumulação de espécies com base no número de dias amostrados, no programa STATISTICA. A composição das espécies foi comparada com a das Unidades de Conservação (UC) presentes na região e próximas da área amostrada, baseado no plano de manejo publicado. Para obter o grau de semelhança da composição das espécies entre estas regiões foi feito uma análise de agrupamento, utilizando o programa STATISTICA.

RESULTADOS

Foram registradas 15 espécies de anfíbios anuros, pertencentes a cinco famílias (Bufonidae, Cycloramphidae, Hylidae, Leiuperidae e Leptodactylidae) e oito gêneros distintos. A família com maior número de registros foi Hylidae. O número de espécies observadas representa 14,3% das espécies registradas para a Serra do Espinhaço (Leite *et al.*, ., 2008), sendo sete espécies consideradas endêmicas (*Thoropa megatympanum*, *Bokermannohyla alvarengai*, *B. nanuzae*, *B. saxicola*, *Scinax curicica*, *Pseudopaludicola mineira* e *Leptodactylus camaquara*). Destas, *B. alvarengai* encontra - se também no Espinhaço baiano, sendo que as demais são registradas apenas em Minas Gerais (IUCN 2011). *Bokermannohyla saxicola*, *B. alvarengai*, *Scinax curicica* e *Leptodactylus camaquara* ocorrem somente em altitudes acima de 1000 m. Em relação ao grau de ameaça, *Pseudopaludicola mineira* é listada com dados deficientes, devido a incertezas quanto à sua extensão de ocorrência, que é pouco conhecida (IUCN 2011). *Hypsiboas botumirim* não foi avaliada quanto sua distribuição e ameaça, pois é uma espécie recentemente descrita. As outras espécies, como *Rhinella rubecens*, *Hypsiboas albopunctata*, *Leptodactylus ocellatus*, *L. labyrinthicus*, *Pseudopaludicola saltica*, *Physalaemus cuvieri* e *Scinax gr. catharinae* possuem distribuição ampla, ocorrendo além da Serra do Espinhaço. O índice de riqueza Jackknife I foi de 20.76 espécies e a curva do coletor não atinge a assíntota, indicando a possibilidade de encontro de um maior número de espécies além daquelas registradas, o que indica a necessidade de um maior esforço amostral. O Parque Estadual do Biribiri (PEB), Parque Estadual do Pico do Itambé (PEPI), Parque Estadual do Rio Preto (PERP) e o Parque Nacional das Sempre - Vivas (PNSV) estão

incluídos no Mosaico de Áreas Protegidas da Serra do Espinhaço, que abrange a região da área de estudo. Estas UC's apresentam elevada riqueza de espécies (PEB n=25; PEPI n=31; PNSV n=26; PERP n=27). Apesar de sua proximidade com o PEB, o Córrego Soberbo apresenta uma maior similaridade com o PERP, do que as outras UC's avaliadas. Este resultado foi baseado apenas nas listas de espécies dos planos de manejo das UC's sendo que buscas adicionais em referências bibliográficas podem alterar os padrões observados.

CONCLUSÃO

Os dados para riqueza de espécies apontam que ainda é necessário um maior esforço amostral. A riqueza de espécies registrada no Córrego Soberbo em relação às outras UC's avaliadas indica que é possível apontar o Córrego Soberbo como um importante contribuinte para a diversidade regional e um importante mantenedor das espécies da Serra do Espinhaço, com espécies endêmicas e de distribuição restrita em relação ao gradiente altitudinal. A similaridade entre a área de estudo e o PERP pode estar relacionado ao tipo de ambientes representados nesta UC, que podem ser similar àquele registrado no Córrego Soberbo.

REFERÊNCIAS

- Drummond, G.M.; Martins, C.S.; Machado, A.B.M.; Sebaio, F.A.; Antonini, Y. 2005. Biodiversidade em Minas Gerais. Fundação Biodiversitas. 2. ed. Belo Horizonte: 222 p.
- Leite, F.S.F.; Juncá, F.A.; Eterovick, P.C. 2008. Status do conhecimento, endemismo e conservação de anfíbios anuros da Cadeia do Espinhaço, Brasil. Revista Megadiversidade, 4: p. 158 - 177
- Santos, T.G.; Rossa - Feres, D.C.; Casatti, L. 2007. Diversidade e distribuição espaço - temporal de anuros em região com pronunciada estação seca no sudeste do Brasil. Iheringia, Sér. Zool., Porto Alegre, 97: p.37 - 49.
- Sociedade Brasileira de Herpetologia, SBH. 2010. Disponível em: <http://www.sbherpetologia.org.br>.
- International Union for Conservation of Nature, IUCN. 2011. IUCN Red List. Disponível em: <http://www.iucnredlist.org>.